

MACHADO DE ASSIS LIDO PELOS COMUNISTAS BRASILEIROS (1939-1958)

MACHADO DE ASSIS READ BY BRAZILIAN COMMUNISTS (1939-1958)

João Alberto da Costa Pinto*

*Universidade Federal de Goiás, Brasil. E-mail: joaoacpinto@yahoo.com.br

Recibido: 1 agosto 2019 / Revisado: 28 octubre 2019 / Aceptado: 19 noviembre 2019 / Publicado: 15 febrero 2020

Resumo: O artigo apresenta uma reconstituição historiográfica dos debates que a obra do escritor Machado de Assis provocou junto a Octávio Brandão e Astrojildo Pereira, dois intelectuais fundamentais na história política e cultural do Partido Comunista Brasileiro (PCB). O legado da obra machadiana teve ampla repercussão nos debates sobre os destinos da Revolução Brasileira, a agenda política que pautava as intervenções intelectuais do nacionalismo pecebista. Este artigo descreve e analisa um conjunto de escritos que Octávio Brandão e Astrojildo Pereira publicaram entre 1939 e 1958, datas que marcaram respectivamente o centenário de nascimento e o cinquentenário de falecimento de Machado de Assis.

Palavras chave: Machado de Assis; Astrojildo Pereira; Octávio Brandão; Literatura brasileira; Comunistas brasileiros

Abstract: The article presents a historiographic reconstitution of the debates that the work of the writer Machado de Assis provoked together with Octávio Brandão and Astrojildo Pereira, two fundamental intellectuals in the political and cultural history of the Brazilian Communist Party (PCB). The legacy of Machado's work had wide repercussions in debates about the fates of the Brazilian Revolution, the political agenda that guided the intellectual interventions of Pecebist nationalism. This article describes and analyzes a set of writings that Octávio Brandão and Astrojildo Pereira published between 1939 and 1958, dates that marked, respectively, the centenary of birth and the 50th anniversary of the death of Machado de Assis.

Keywords: Machado de Assis; Astrojildo Pereira; Octávio Brandão; brazilian literature; brazilian communists

INTRODUÇÃO

Octávio Brandão e Astrojildo Pereira tiveram suas trajetórias diretamente associadas ao marxismo brasileiro sob a mediação institucional das políticas culturais do Partido Comunista Brasileiro (PCB). No longo percurso de suas trajetórias como militantes do PCB manifestaram-se inúmeras vezes sobre os legados da obra de Machado de Assis para os destinos da cultura brasileira em meio aos debates políticos que os intelectuais comunistas promoviam sobre os significados do que se convencionou denominar Revolução Brasileira. Nas lutas do marxismo brasileiro sobre os destinos da nacionalidade brasileira do início da década de 1920 ao final da década de 1960, as grandes referências clássicas da literatura brasileira sempre estiveram presentes como bons ou maus exemplos diante dos sentidos definidores da formação histórica da nacionalidade brasileira. Machado de Assis foi um desses cânones, ora percebido como fundamental, ora como um péssimo exemplo. Com o propósito de descrever como a obra e a trajetória de Machado de Assis foram presenças marcantes nesse cenário institucional da cultura pecebista, neste artigo, de Octávio Brandão, analiso o livro *O niilista Machado de Assis*, publicado em 1958¹, e de Astrojildo Pereira, analiso dois artigos publicados em

¹ Brandão, Octávio, *O niilista Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Organização Simões Editora, 1958.

1939² e o livro que escreveu em 1958 e lançou no início de 1959 – *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*. Escritos esses que circunstanciavam nos anos de 1939 e de 1958, respectivamente, as efemérides do centenário de nascimento e a dos cinquenta anos da morte de Machado de Assis, e que em sendo resgatadas em 2019 apresentam-se aqui como um registro dos 180 anos de nascimento do escritor.

1. A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS E A CULTURA COMUNISTA BRASILEIRA

De 1922 a 1930, Octávio Brandão e Astrojildo Pereira foram figuras cimeiras na organização política e cultural do PCB e dessas práticas de direção estabeleceram os propósitos intelectuais da intervenção política do partido em face dos legados culturais da formação histórica brasileira. Acusados de desvios “pequeno-burgueses” e práticas “antileninistas”, Brandão e Pereira passam as décadas de 1930 e 1940 afastados do Partido, que os expulsou em 1931 em momento de forte inflexão sectária com o obreirismo stalinista matizado por teses do 6º Congresso da Internacional Comunista (1928). Octávio Brandão foi preso em 1931 pelo governo provisório de Vargas (pois além de ser quadro do PCB também tinha sido eleito vereador em 1928, na cidade do Rio de Janeiro, pelo Bloco Operário Camponês, entidade política organizada pelos comunistas nesse mesmo ano e depois cassada em 1930). Brandão foi deportado para a URSS com a esposa, a poetisa Laura Brandão, e seus três filhos. Permaneceu na URSS por quinze anos, retornando ao Brasil em novembro de 1946. Laura e Octávio Brandão lutaram em Moscou contra a invasão nazista. Laura veio a falecer na URSS em 1943 por causa de um câncer³. Astrojildo Pereira, fora do PCB, seguiu sua vida como comerciante

² O primeiro artigo veio a público em julho de 1938 na prestigiada *Revista do Brasil*, que tinha Monteiro Lobato como editor; o segundo artigo saiu em novembro do mesmo ano na *Revista Proletária*, um periódico clandestino de circulação restrita aos militantes pecebistas. Ambos os artigos fizeram parte de uma terceira edição ampliada. In Pereira, Astrojildo, *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*, Brasília, Fundação Astrojildo Pereira, 2008 [1959].

³ Sobre a trajetória de Octávio Brandão, consultar: Moraes, João Quartim de, “Octávio Brandão”, in Pericás, Luiz Bernardo e Secco, Lincoln (orgs.), *Intérpretes do Brasil. Clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2014, pp. 13-25. Outras informações podem ser encontradas em: <<https://marxismo21.org/octavio-brandao/>>

de frutas e editor de uma revista – *Interpretações* (de curta existência, com apenas dez volumes editados entre 1936 e 1939). Pereira volta ao PCB na segunda metade da década de 1950, quando assume em 1958 a direção da revista *Estudos Sociais*, um importante periódico pecebista que circulou em dezenove edições até março de 1964, quando foi encerrado⁴. No seu retorno ao Brasil, Brandão manteve-se fiel ao PCB, colaborando com artigos na imprensa do partido. Contudo, depois de uma polêmica travada nas páginas do jornal pecebista *Imprensa Popular*, em outubro de 1956, quando defendeu uma política para o partido de recuperação política de antigos quadros (como ele mesmo, e sendo por isso acusado de forte personalismo), afastou-se definitivamente do diálogo com direção nacional do partido e aproximou-se do grupo de Caio Prado Júnior que coordenava a *Revista Brasiliense*, sendo esse periódico nos anos seguintes a sua trincheira editorial como o “seu” PCB (um PCB paulistano). Na *Revista Brasiliense* (que também foi fechada em 1964), Brandão publicou onze artigos sobre cultura marxista, em especial sobre o realismo estético revolucionário, além de outros dedicados a rechaçar as dezenas de críticas que recebeu na imprensa com a publicação do livro *O niilista Machado de Assis*, em 1958.

Uma hipótese para uma história da relação comparada de ambas as trajetórias: a *Revista Brasiliense* foi fundada em 1955 por Caio Prado Júnior; a revista *Estudos Sociais*, em 1958, por Astrojildo Pereira; a *Estudos Sociais* foi organizada como contraponto à *Revista Brasiliense*. Adiantando um argumento diria que o Machado de Assis da *Estudos Sociais* estava em debate aberto com o Machado de Assis da *Revista Brasiliense*. Na *Estudos Sociais*, grandes admiradores e defensores de um Machado de Assis politicamente progressista (Rui Facó e Nelson Werneck Sodré, por exemplo); na *Revista Brasiliense*, grandes ad-

⁴ Sobre a trajetória de Astrojildo Pereira, consultar: Del Roio, Marcos, “A trajetória de Astrojildo Pereira (1890-1965), fundador do PCB”, *Revista Praia Vermelha*, 22/2 (janeiro-junho 2013), pp. 19-25, Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115353/ISSN1984669X-2013-22-02-19-25.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>; Feijó, Martin Cezar, *O revolucionário cordial. Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo, Boitempo/FAPESP, 2001; e Mazzeo, Antônio Carlos, Astrojildo Pereira. In Pericás & Secco (orgs.), *Intérpretes do Brasil...*, op. cit., 2014, pp. 38-58. Outras informações podem ser encontradas em: <<https://marxismo21.org/astrojildo-pereira-fundador-do-marxismo-no-brasil/>>

miradores de Lima Barreto, percebendo-o como o paradigma do intelectual progressista⁵, ainda que não nos termos escatológicos das críticas que Octávio Brandão impunha ao legado político da obra de Machado de Assis. Mas o fato é que inúmeros intelectuais no campo da esquerda nacionalista definiam o escritor carioca como um intelectual burguês decadente. Disso pode-se aventar a hipótese de que esse debate sobre os legados de Machado de Assis para os caminhos da Revolução Brasileira foi um dos grandes temas da esquerda comunista entre as décadas de 1940-1960⁶.

2. OCTÁVIO BRANDÃO, UMA TRAJETÓRIA

Octávio Brandão nasceu em Viçosa, Alagoas, em 12 de setembro de 1896. Filho de um farmacêutico prático, foi alfabetizado pela senhora Maria do Á, uma professora negra que também alfabetizou Graciliano Ramos (que nasceu em 1892, em Quebrângulo, um vilarejo próximo de Viçosa). Num depoimento sobre sua trajetória, Brandão descreve a sua juventude como uma experiência de amplo “sofrimento” social, pois, como ateu que lia em Alagoas no começo do século 20 Darwin e Nietzsche, se via em constante conflito com os ambientes católicos locais⁷. Estudou na Faculdade de Farmácia do Recife (Pernambuco). Trabalhando como farmacêutico em Maceió (Alagoas), aproximou-se das ideias anarquistas quando conheceu Astrojildo Pereira e este lhe emprestou vários livros de Bakunin. Publicou em 1919 o livro *Canais e lagoas*, considerado pela crítica como um importante documento para os estudos de ecologia e história social do sertão nordestino⁸.

⁵ Caio Prado Júnior era um entusiasta da obra de Lima Barreto e foi o primeiro editor no Brasil das suas obras completas, publicadas em 1956 pela Editora Brasiliense. Ver Pericás e Wider, *Intérpretes do Brasil...*, op. cit., 2014, p. 201.

⁶ Sobre a política cultural do PCB ao longo das décadas de 1930-1960, consultar: Rubim, Antônio Albino Canelas, *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*, Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

⁷ Brandão, Octávio, *Depoimento*, Rio de Janeiro, CP-DOC/FGV, 1977, p. 148. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/brandao/1977/02/10.pdf>>

⁸ Brandão, Octávio, *Canaes e lagôas*. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1919. Monteiro Lobato, entre outros, era um admirador do livro. Consultar Moraes, João Quartim de, “Octávio Brandão”, in Pericás e Secco (orgs.), *Intérpretes do Brasil...*, op. cit., 2014, p. 16.

Anarcossindicalista de primeira hora, Brandão, aos poucos e por influência de Astrojildo Pereira, que no começo da década de 1920 passava-lhe obras de Marx, Engels e Lenin em francês, gravita para o marxismo e após a fundação do PCB em 1922 passa a integrar as fileiras do pequeno partido operário como um dos seus dirigentes. Em 1924 traduziu do francês o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels (foi a primeira tradução para o português feita no Brasil) e em 1926 publicou, sob o pseudônimo de Fritz Mayer, para escapar da repressão, o livro *Agrarismo e industrialismo*⁹, que se tornou a plataforma teórico-política da ação do partido e de organização do Bloco Operário-Camponês. A partir de 1930, o partido, em momento de forte inflexão sectária com o obreirismo stalinista, passou a organizar-se pelas diretrizes mundiais do 6º Congresso da Internacional Comunista (1928) e, nesse momento, tanto Brandão como Pereira são acusados de desvios “pequeno-burgueses” e práticas “antileninistas”, por isso são afastados do partido em 1931.

Já residindo na cidade do Rio de Janeiro em 1919, quando publicou *Canais e lagoas*, Brandão, como vários outros intelectuais, frequentava a Livraria Garnier e foi lá que conheceu o escritor Lima Barreto. Brandão afirma no seu depoimento que sempre encontrava Lima Barreto em condições precaríssimas de saúde. Lima Barreto chegava à Livraria Garnier com “olhos como duas postas de sangue, baba escorrendo, completamente fora de si”. Ofereceu a Lima Barreto um exemplar do livro *Canais e lagoas*, mas nunca conversou com ele em maior detalhe. Eis como descreveu aquele que seria ao lado de Euclides da Cunha o seu paradigma maior de escritor brasileiro engajado nas causas sociais da nacionalidade:

“[Lima Barreto] tinha muito valor, mas não era reconhecido e depois ia se entregando ao desespero, tinham até nojo dele. É assim. Todo sujo, completamente sujo. Aquela roupa de brim... Ele caía na sarjeta, uma tristeza, uma tristeza. Homens de valor que naufragam assim, de uma forma ou de outra como Euclides da Cunha...”¹⁰

3. ASTROJILDO PEREIRA, UMA TRAJETÓRIA

Astrojildo Pereira era carioca de Rio Bonito, nascido em 1890. Fez o ginásio e trabalhou como

⁹ Brandão, Octávio, *Agrarismo e industrialismo*, São Paulo, Editora Anita Garibaldi, 2006.

¹⁰ In Brandão, *Depoimento*, op. cit., 1977, p. 69.

operário gráfico na cidade do Rio de Janeiro. Em 1908 tornou-se servidor do Ministério da Agricultura. O mesmo órgão em que Machado de Assis trabalhara. Ainda adolescente envolveu-se com o movimento anarquista e foi um dos organizadores-fundadores da COB, a Central Operária Brasileira, célebre por suas lutas anarquistas. Em 1919 abandona o anarquismo em apoio aos fatos da Revolução Bolchevique na Rússia. Edita o jornal *Spartacus*, que marca a sua transição política do anarquismo para o marxismo. Foi na casa de uma tia, em Niterói, que organizou o congresso de fundação do PCB, em março de 1922. Nos meses seguintes, a convite de Astrojildo, Octávio Brandão juntar-se-ia ao pequeno grupo de militantes comunistas. Em 1924 viaja para Moscou para filiar o PCB à Internacional Comunista (COMINTERN). Com Brandão, repito, organizou os conteúdos políticos-programáticos do PCB em defesa da revolução democrático burguesa. Em 1927 esteve na Bolívia com Luís Carlos Prestes, propondo-lhe uma aliança para a formação, que aconteceu em 1928, do Bloco Operário Camponês (BOC). Retorna a Moscou em 1929 e nessa viagem percebe que o programa político nacionalista da revolução democrático burguesa do PCB estava ameaçado. Com o COMINTERN impondo a não aliança dos comunistas com o campesinato, e sendo contrário a tal diretriz, Astrojildo Pereira foi afastado do PCB conjuntamente com Octávio Brandão no início de 1931.

Astrojildo Pereira sempre entendeu Machado de Assis como o maior escritor do Brasil. E se Brandão esteve com Lima Barreto, o seu grande mito literário, em algumas tardes na Livraria Garnier, no ano de 1919, também Astrojildo Pereira esteve com Machado de Assis, o seu grande mito literário. Um dia antes do seu falecimento, que aconteceu na madrugada de 29 de setembro de 1908, Machado de Assis, gravemente enfermo, recebeu em sua casa, onde estava com alguns amigos, entre eles, Euclides da Cunha, um adolescente que lhe bateu à porta para render-lhe uma viva homenagem. O jovem de 18 anos de idade havia atravessado a cidade do Rio de Janeiro e ido à casa de Machado de Assis. Autorizado a entrar no quarto onde Machado estava deitado, foi lá e o cumprimentou. À saída disse o seu nome a um dos presentes. Só em 1936 é que se soube quem tinha sido esse personagem que visitara Machado na sua hora derradeira. Lúcia Miguel Pereira descreveu o encontro do jovem anarquista com o célebre escritor nestes termos:

“Na noite que precedeu a sua morte, um adolescente desconhecido bateu à porta da casa do Cosme Velho, onde os amigos o cercavam. Introduzido ao quarto do doente, ajoelhou-se, beijou-lhe a mão e o abraçou numa homenagem quase filial, que, se foi percebida pelo mestre, lhe deve ter ido direto ao coração. Esse jovem, cujo nome Euclides da Cunha, na página admirável em que lhe fixou o gesto generoso, dizia dever ficar ignorado, era o escritor Astrojildo Pereira”¹¹.

4. O MACHADO DE ASSIS DE ASTROJILDO PEREIRA

Em junho de 1939, data do centenário de nascimento de Machado de Assis, Astrojildo Pereira, já conhecido pelos artigos e ensaios publicados em jornais e revistas, trouxe a público, numa pequena revista que editava clandestinamente – a *Revista Proletária* –, um artigo que complementava outro também publicado naquele ano na prestigiada *Revista do Brasil*, então editada por Monteiro Lobato. Com esses textos, seu nome foi associado em definitivo à tradição dos estudos machadianos no Brasil. O artigo da *Revista Proletária* levava o título de “Machado de Assis é nosso, é do povo”¹² e complementava o artigo “Machado de Assis: Romancista do Segundo Reinado”, publicado na *Revista do Brasil* em junho de 1939 e depois republicado em 1944 como um dos capítulos do livro *Interpretações*¹³.

Contra as tendências da crítica que percebiam Machado de Assis só como um escritor afeito às elites, Astrojildo Pereira afirma no artigo da *Revista Proletária* que era justamente o contrário o que acontecia, isto é: “as elites” é que “nunca o compreenderam” e por isso era tão “falsamente interpretado”¹⁴. Para o ensaísta comunista, Machado de Assis nunca fora um “conformista”,

¹¹ O artigo “Última visita” de Euclides da Cunha foi “publicado na *Renascença*, em setembro de 1908, recolhido na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, volume XX e vertido para o francês no livro editado pela Missão Brasileira de Expansão Econômica em Paris, onde se encontram os discursos proferidos na Sorbonne em homenagem ao romancista brasileiro”. Ver Pereira, Lúcia Miguel, *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*, Belo Horizonte, Itatiaia-São Paulo, Edusp, 1988, p. 285.

¹² Reeditado em Pereira, *Machado de Assis*, op. cit., 2008, pp. 213-214.

¹³ *Ibid.*, pp. 27-47.

¹⁴ *Ibid.*, p. 213.

pois a sua vida era uma lição para o proletariado, “para o homem do povo em geral”, porque demonstrava que o “pensamento, a literatura e a arte não são um ‘dom natural’ dos bem-nascidos, mas um direito de todos os homens livres”¹⁵. E num argumento que contradizia a dogmática stalinista do realismo soviético, Astrojildo Pereira afirma que a universalidade literária machadiana devia-se ao fato de que o “carioca da segunda metade do século XIX” vivia “nos romances e nos contos de Machado, tal como” era, “sem instruções preconcebidas por parte do autor”, personagens vivendo com “seus defeitos e qualidades, humanamente”¹⁶. No artigo “Romancista do Segundo Reinado” (1939), assevera que, além de ser o “mais universal dos nossos escritores”, Machado de Assis era também “o mais nacional, o mais brasileiro de todos”¹⁷. Noutro trecho desse ensaio, definiu, com os termos que transcrevo, o conjunto da obra de Machado de Assis.

“A obra de Machado de Assis nada possui de panorâmico, de cíclico, de épico. Não há nela nenhuma exterioridade de natureza documentária, nenhum sistema rapsódico ou folclórico, nenhum plano objetivo elaborado de antemão. Os seus contos e romances não abrigam heróis extraordinários, nem fixam ações grandiosas e excepcionais. Eles são constituídos com material humano mais comum e ordinário, com as miudezas e a terra da vida vulgar de todos os dias. Mas que poderosa vitalidade vibra no interior da gente que povoa os seus livros! É a gente bem viva – barões, coronéis, citadinos e provincianos, nhonhôs e sinhás, escravos e mucamas, deputados e magistrados, médicos e advogados, rendeiros e comerciantes, padres e sacristães, empregados e funcionários, professores e estudantes, agregados e parasitas, atrizes e costureiras, e as donas de casa, e as moças namoradeiras, e as viúvas querendo casar de novo... – gente que se move, que se agita, que trabalha, que se diverte, que se alimenta, que dorme, que ama, que não faz nada, que morre [...] Gente rica, gente remediada, gente pobre, gente feliz, e gente desgraçada – toda a inumerável multidão de gente bem brasileira que vai empurrando o Brasil para a frente, avançando em ziguezague, subindo montanhas e palmilhando vales, ora puxando

ora sendo puxada pelo famoso carro da história...”¹⁸.

Astrojildo Pereira percebia o legado do escritor Machado de Assis como um elemento fundamental a ser agregado como argumento da política nacionalista da Revolução Brasileira. Mas a percepção de Machado de Assis como um mestre da nacionalidade, repito, não era uma opinião unânime entre os comunistas. Contra interpretações como as de Astrojildo Pereira, ainda mais se fossem oriundas de analistas que se diziam marxistas, é que Octávio Brandão se mobilizou em 1958 na publicação de *O niilista Machado de Assis*, esse que é o mais contundente libelo antimachadiano já publicado no Brasil.

5. O MACHADO DE ASSIS DE OCTÁVIO BRANDÃO

Para Octávio Brandão, depois dos acontecimentos da Revolução Russa de 1917, o mundo e o Brasil em particular confrontavam-se com um passado burguês a sepultar. Assumindo-se como uma das expressões ideológicas daquilo que denominava como a Geração de 1917¹⁹, Brandão defendeu a sua luta política nestes termos: “No Brasil, antes e depois de 1914, da Primeira Guerra Mundial, a sociedade dominante tinha seus ídolos e tabus: entre outros, Machado de Assis e Rui Barbosa”²⁰. E não era possível combater essa sociedade sem combater esses intelectuais que melhor a representavam. No livro de 1958, nessa catilinária antimachadiana sem igual na história da crítica literária brasileira, Brandão afirma que “não é de hoje (1958) que o autor destas linhas se opõe a Machado de Assis e a Rui Barbosa. Já em 1917-1918 teve de combatê-los”, e reitera que a “19 de julho de 1918, num jornal de Maceió [...] exaltou Euclides da Cunha como escritor nacional, preconizou a ruptura com o passado morto, condenou a frivolidade na literatura, os versinhos fúteis e as crônicas superficiais”²¹. Machado de Assis era-lhe a expressão mais bem elaborada dessa literatura fútil e superficial, um escritor “seco, frio, egoísta, as palavras medidas e contadas, de opiniões bebidas na Inglaterra, de

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ibid., p. 28.

¹⁸ Reeditado em Pereira, *Machado de Assis*, op. cit., 2008, pp. 29-30.

¹⁹ O termo é retórico, o autor cria a expressão para caracterizar aqueles que como ele atuaram politicamente no campo da esquerda em apoio aos fatos da Revolução Russa.

²⁰ Brandão, *O niilista Machado de Assis*, op. cit., 1958, p. 194.

²¹ Ibid., p. 195.

onde, pelo menos, lhe veio o humor, a descrever pequenas tricas, adultérios, beijocas, safadezas de uma sociedade em decadência”, um escritor, assim, “não pode ser nacional!”²² Para marcar sua posição ideológica em termos quase escatológicos, Brandão afirma que “existe um abismo entre nós e Machado de Assis. Ocupamos posições diametralmente opostas”²³. Notem-se os termos: Octávio Brandão colocava-se no combate ideológico sobre os destinos da nacionalidade em mesmo grau de equivalência intelectual com Machado de Assis, não se percebendo apenas como um antípoda ideológico da crítica conservadora, mas como um antípoda ideológico com o mesmo *status* intelectual de Machado de Assis. Eis como argumenta:

“No terreno da filosofia, somos partidários do materialismo dialético. Em sentido contrário, Machado de Assis adotou o ceticismo e o idealismo filosófico [...] No domínio da sociologia, somos adeptos do materialismo histórico [...] Em contraposição, Machado de Assis nada entendia do assunto. Acha que os homens são ruins por natureza. Não compreendia as causas econômicas e financeiras, políticas e sociais das desgraças que atormentam a Humanidade. Não via a possibilidade de eliminá-las”²⁴.

E segue a catilinária: “Somos decididamente pelo realismo histórico otimista. Em sentido oposto, Machado de Assis afundou no mais sombrio pessimismo”²⁵, e “Somos verdadeiros patriotas. Amamos a nossa Pátria com maior paixão, fidelidade e sinceridade [...] Machado de Assis, porém, não era patriota”²⁶. E segue: “Somos verdadeiros revolucionários. Machado de Assis nada tinha de revolucionário”²⁷. E, por fim, a exclamação maior, quando Brandão compara diretamente a sua trajetória com a de Machado de Assis:

“Apesar de nossa existência tão dura, cheia de prisões [Brandão foi preso onze vezes] e anos de exílio [passou quinze anos exilado na URSS], reveses e incompreensões, cheia de penúria econômica, dificuldades financeiras, perseguições políticas, preterições sociais, dores morais e injustiças intelectuais

– abençoamos a vida. Em oposição polar, Machado de Assis, que viveu tão bem, que recebeu tantos prêmios e graças – maldizia a vida”²⁸.

E a sentença final: “Somos viris, dinâmicos, pléticos. Machado de Assis era apático, passivo, estiolado”²⁹.

A seguir uma sumária descrição de como Octávio Brandão interpretou a obra de Machado de Assis, destacando o que escreveu sobre o romance *Dom Casmurro*.

Escreve Brandão: “Esse romance é considerado uma ‘obra prima’. Na realidade, é um livro monótono, arrastado e enfadonho” [...] “É mais uma obra negativista”. No romance, diz Brandão,

“[Machado de Assis] nega, de fato, o amor e a amizade. Afunda-os na lama da traição. Conta a historietta vulgar de Bento Santiago, o futuro Dom Casmurro. Bento, jovem abandonou o seminário. Foi ser bacharel em direito e advogado de casas ricas. Casou-se com a ‘bela e virtuosa Capitu’. Teve um filho. Perdeu o maior amigo – Escobar, negociante em café, que se afogou num banho de mar. Um dia, descobriu que a esposa o enganara, o menino não era seu filho, e sim do amigo mais íntimo. Os burgueses sentem um prazer singular em chafelhar-se mutuamente”³⁰.

Nas quatro páginas (das 206 que o livro contém) dedicadas a *Dom Casmurro*, assim descreve os demais personagens desse livro que, segundo o autor, apenas “analisa emoções”. “O pai de Bento, fazendeiro, falecera. Dona Glória, a mãe, vende a fazenda e muda-se para o Rio de Janeiro, vivendo de rendimentos”. A mãe de Bento, diz Brandão, era um tipo de “beata e parasita. Uma ‘santa’. Imagem de uma época de decadência. Fiel aos velhos hábitos e às velhas ideias”. A mãe de Bento, diz Brandão, “lembra[va-lhe] o velho Machado de Assis”. Ao se referir a José Dias, esse emblemático personagem, Brandão diz que ele era um “parasita e charlatão”, que “não podia viver sem empregar superlativos e frases comuns”, e complementa o autor: “Aliás, os exaltadores de Machado de Assis lembram esse José Dias: usam presilhas arcaicas e amam os superlativos a fim de dar ‘feição monumental’ às ideias que não

²² Ibid., p. 196.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibid., p. 197.

²⁶ Idem.

²⁷ Ibid., p. 198.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibid., p. 55.

têm...”³¹. Era nesses termos que Octávio Brandão comentava a integralidade da obra de Machado de Assis.

A título de breve comparação das perspectivas de análise dos autores, vejamos como Astrojildo Pereira percebia, no *Dom Casmurro*, o personagem José Dias. O “charlatão” José Dias aparece no romance “vendendo-se por médico homeopata”. Levava consigo um “Manual” de homeopatia e uma botica. Curou a febre de alguns escravos, acabou por ficar na fazenda e agregou-se em definitivo à família. Confessou-se como um charlatão ao pai de Bentinho, mas justificou-se que mesmo mentindo tinha um propósito digno com a sua atitude, defender a homeopatia, afinal, diz José Dias, a “homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti”³². O que percebe Astrojildo Pereira em ressaltar esse detalhe do livro? “O que me prende a atenção”, escreve, “é a data em que o falso ‘doutor’ apareceu na fazenda de Itaguaí, no ano em que nasceu Bentinho por volta de 1843”. Por que destacar o detalhe? Pereira comenta que em 1842 desembarcara no Rio de Janeiro um tal de Benoit Mure, um médico francês que abriu na cidade o primeiro consultório de medicina homeopática do país. A homeopatia, diz Astrojildo, provocou inúmeros debates na imprensa, em grande parte provocados pelo livro de Mure – *Prática elementar de homeopatia* –, de grande repercussão no Rio de Janeiro. Especula Astrojildo: “E não seria esse, justamente, o Manual de que se munira José Dias, conforme relata Bentinho?”³³. Nesses termos, Astrojildo Pereira apresenta-se como um historiador da obra machadiana e era assim que sempre procedia. Já Octávio Brandão era um crítico ideológico do escritor Machado de Assis. Perspectivas radicalmente distintas. Os legados do personagem e da sua obra percebidos em disputa acirrada no campo da política cultural pecebista.

O niilista Machado de Assis é um livro impressionante e é necessário que seja resgatado como documento para perceberem-se as dificuldades e os grandes impasses da política cultural dos intelectuais comunistas no Brasil. Octávio Brandão é a afirmação do intelectual ressentido, a vítima derrotada, mesmo tendo se dedicado por quase toda a vida à revolução brasileira, à

construção da revolução democrático-burguesa que a sua obra sistematizou na década de 1920 e que depois foi retomada parcialmente como ideário político do PCB na *Declaração de Março de 1958*, quando foi novamente escorraçado do Partido, acusado de sectarismo. Octávio Brandão tem uma trajetória ainda a ser estudada sistematicamente. Organizou uma obra de crítica literária para definir um campo de ruptura que os intelectuais comunistas no Brasil deveriam assumir, mas foi derrotado pelo legado machadiano tão caro e positivo aos dirigentes do PCB (que tinham na Revista *Estudos Sociais* um dos seus principais espelhos ideológicos) que faziam entender o partido como o principal agente a liderar a revolução brasileira.

6. POLÊMICAS

O livro de Brandão teve ampla repercussão na imprensa. Em artigo que publicou no começo de 1959, registrou trinta artigos dedicados ao seu livro. A crítica ao livro foi devastadora. Mas ainda assim não se esquivou do debate e tratou de responder aos seus críticos ao menos em dois artigos publicados na *Revista Brasiliense*.

Rui Facó, um importante intelectual do PCB, autor do clássico *Cangaceiros e fanáticos*³⁴, publicou uma resenha do livro de Brandão na revista *Estudos Sociais*. Afirma Facó que nesse livro o autor “nega tudo de Machado de Assis” e que pretendia que Machado de Assis “pensasse e reagisse diante da vida e dos acontecimentos como se fosse um revolucionário, exigindo às vezes que se comportasse como um autêntico marxista”³⁵. Facó defende Machado de Assis do ataque de Brandão, dizendo que o escritor carioca “tem para nós a importância que tem Balzac para a França”³⁶. Brandão responde duramente às críticas que o dirigente do PCB lhe fazia ao livro, com argumentações, entre outras, de que o artigo de Facó era um “panegírico ordinário”³⁷. Sobre a comparação de Machado de Assis com

³¹ Ibid., p. 56.

³² Pereira, *Machado de Assis*, op. cit., 2008, pp. 190-191.

³³ Ibid., p. 191.

³⁴ Facó, Rui, *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963. Sobre a trajetória de Rui Facó, consultar Pinheiro, Milton, “Rui Facó”, in Pericás e Secco (orgs.), *Intérpretes do Brasil...*, op. cit., 2014, pp. 117-127.

³⁵ Facó, Rui. “O niilista Octávio Brandão”, *Revista Estudos Sociais*, 2 (julho-agosto de 1958), p. 245.

³⁶ Ibid., p. 246.

³⁷ Brandão, Octávio. “Literatura sem ideologia”, *Revista Brasiliense*, 28 (março-abril de 1960), p. 106, disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/brandao/ano/mes/literatura.pdf>>

Balzac, Brandão a percebe como descabida, um “paralelo extravagante”³⁸. E num esforço para desqualificar seu crítico (ressalve-se que Fui Facó dentro do PCB também fazia severa oposição a Brandão), que era um especialista em história do campesinato brasileiro, Brandão diz que agora no papel de “especialista em literatura” era, na verdade, um “camponês do asfalto”³⁹.

No jornal carioca *Correio da Manhã*, foram publicadas duas resenhas logo após a publicação do livro. Raimundo Magalhães Júnior, em 17 de maio de 1958, escreveu a resenha de título: “Um livro errado e preconceituoso”. Otto Maria Carpeaux, no mês seguinte, em 28 de junho, escreveu, na sua coluna *Livros na Mesa*, o artigo “Em torno de um monumento”. Octávio Brandão respondeu a esses e outros críticos em dois artigos publicados na *Revista Brasiliense*, que cito adiante, reendossando as suas teses contra Machado de Assis, mas curiosamente num tom menos colérico, menos depreciativo. Olhando o debate de Brandão com seus críticos tenho como hipótese que o autor capitulava com bastante facilidade nos seus argumentos, como se o que lhe interessasse fosse simplesmente a publicidade que o seu livro provocava, colocando-o no centro do debate nacional, rompendo, assim, com o ostracismo que lhe fora imposto pelo Partido Comunista.

Magalhães Júnior foi impiedoso com Octávio Brandão. Para criticar-lhe o livro compara-o com os trabalhos de Astrojildo Pereira, que elogia como estudos de alto nível. Essa observação deve ter sido mortal aos olhos de Brandão. E diz mais: o livro *O niilista Machado de Assis* não era não apenas precário, o seu autor era também um mau leitor da obra de Machado. Magalhães Júnior humilha Brandão reduzindo-o a um leitor desatento sem capacidade para “penetrar o sentido dos textos”⁴⁰ literários machadianos. Otto Maria Carpeaux também compara desfavoravelmente o livro de Brandão com os ensaios de Astrojildo Pereira. De Brandão elogia-lhe o livro *Canaís e lagoas*, uma “valiosa obra”, afirma. Sobre o livro em resenha, Carpeaux afirma: “A verdade é que o sr. Brandão não se esforça para explicar a Obra de Machado pela sociedade em que vi-

veu; esforça-se para responsabilizar o escritor pela sociedade. E não só o escritor”⁴¹. Continua Carpeaux, Brandão “chega a investir furiosamente contra os personagens de Machado”. Enfim, para Carpeaux, o “sr. Octávio Brandão não sabe distinguir entre ficção e realidade”. E conclui o artigo com estas impagáveis palavras: “O Monumento de Machado de Assis”⁴² ainda não está aqui. Mas a chuva de adjetivos já lhe comeu o nariz de pedra; e o sr. Octávio Brandão já fez o que em torno dos monumentos costumam fazer os pássaros”⁴³.

Brandão não se fez de rogado e respondeu aos críticos reiterando a sua opinião sobre a obra machadiana. Por exemplo, no artigo “*A penúria da crítica*” publicado em maio de 1959 na *Revista Brasiliense*, ao comentar os argumentos do artigo de Carpeaux, numa rápida observação sobre a “mulher em Machado de Assis”, afirmou: “As Virgílias e Capitus são rebotalhos de sociedades apodrecidas, em decomposição, como a sociedade escravista do Século XIX no Brasil”⁴⁴. E para refutar Carpeaux da crítica de ser ele um “niilista” diante da obra de Machado de Assis, e mostrar que não estava sozinho ao defender sua argumentação, Brandão mobiliza a seu favor nomes de outros estudiosos que também foram bastante críticos com a obra machadiana, listando nomes como o de Augusto Meyer, Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Peregrino Jú-

⁴¹ Carpeaux, Otto Maria, “Em torno de um monumento”, *Jornal Correio da Manhã*, 28 de junho de 1958, Rio de Janeiro, p. 09, edição n° 20016, disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁴² Na ocasião, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro estava providenciando um monumento para uma praça para marcar as comemorações do cinquentenário da morte de Machado de Assis.

⁴³ Carpeaux, “Em torno de um monumento”, op. cit., 1958, p. 9.

⁴⁴ Brandão, Octávio, “A penúria da crítica”, *Revista Brasiliense*, 23, (maio/junho 1959), p. 92, disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/brandao/ano/mes/penuria.pdf> Para deixar registrada a comparação de argumentos, Astrojildo Pereira, em *Machado de Assis: Romancista do Segundo Reinado* (escrito em 1939), assim se referia a respeito de Capitu, essa disputadíssima personagem da literatura brasileira. Afirma Astrojildo Pereira (*Machado de Assis*, op. cit., p. 33): Capitu é um “tipo de extraordinária vitalidade, soma e difusão de múltiplas personalidades, espécie de supermulher toda ela só instinto metida na pele de uma pervertida requintada e imprevisível. A sua dissimulação arrasa tudo, e o desfecho do seu caso vem a ser uma consolação bem melancólica de um mundo arrasado”.

³⁸ Ibid., p. 106.

³⁹ Ibid., p. 107.

⁴⁰ Magalhães Júnior, Raimundo, “Um livro errado e preconceituoso”, *Correio da Manhã*, 17 de maio de 1958, p. 9, disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

nior, Eugênio Gomes. E por fim, como fazia em todos os seus textos, reafirma a sua condição de vítima, de perseguido político. No outro artigo, “Literatura sem ideologia”, publicado em março de 1960, continua a rebater seus críticos e mais uma vez é peremptório na crítica a Machado de Assis:

“O escritor foi um niilista, negativista. Cantou a voluptuosidade do Nada, exerceu influência nociva sobre uma série de intelectuais. Deformou-os. Desarmou-os. Contribuiu para torná-los apáticos, displicentes, incapazes de lutar pela Pátria e pela Humanidade”⁴⁵.

Enfim, para Octávio Brandão *combater* o legado de Machado de Assis era avançar na Revolução Brasileira. Por outro lado, *defender* o legado de Machado de Assis para avançar na Revolução Brasileira era o propósito maior de Astrojildo Pereira.

A literatura de Machado de Assis conforme Astrojildo Pereira era uma complexa síntese histórica do Brasil da segunda metade do século 19. Uma obra complexa porque dialética, afirma. Na sua avaliação de 1959, diz que a

“[...] obra de Machado de Assis, livro por livro, página por página, ficção e crônica, prosa e verso, se desenvolve toda ela segundo uma linha quebrada ou sinuosa de movimentação dialética. Tudo nela é contraste, contradição, conflito, formas as mais diversas de dialogação social, reflexos do próprio jogo da vida em sociedade – essa vida que um dos seus personagens (em *Ressureição*) definiu como sendo ‘uma combinação de astros e poços, enlevos e precipícios’”⁴⁶.

Em contraste direto com a argumentação de Brandão, Astrojildo Pereira entende Machado de Assis como um autor dialético e justifica a hipótese citando Escobar em *Dom Casmurro* quando o personagem diz estas palavras: “o homem não é sempre o mesmo em todos os instantes”⁴⁷. Afirma Pereira que havia boas razões para supor que Machado de Assis não conhecesse Marx e Engels. E Astrojildo vai além quando afirma que o “próprio Machado de Assis era a encarnação viva do homem dialético – todo um complexo de

contradições, dúvidas, hesitações, aparências e realidades”⁴⁸. O Machado de Assis de Astrojildo Pereira era “um dialético inato, espontâneo, sua maneira de pensar era dialética [...] isso me parece incontestável”, um *heraclitiano*. Mas, ainda assim, e em afirmação contrária às expectativas de Brandão, Pereira não via como possível, diante das limitações das condições objetivas da época em que Machado de Assis viveu, que ele pudesse ser um “materialista dialético”⁴⁹.

CONCLUSÃO

Enfim, duas perspectivas radicalmente distintas que o campo comunista brasileiro apresentou sobre o legado de Machado de Assis. Os debates acontecidos em 1958 (e no começo de 1959) por ocasião do cinquentenário da morte do escritor reiteravam a incontestável importância da obra machadiana para os destinos políticos do Brasil como Nação. Octávio Brandão batendo-se diretamente com o escritor em defesa de um realismo que endossava a perspectiva do realismo naturalista soviético e o ensaísmo de Astrojildo Pereira mediado por uma perspectiva historicista sobre os limites da consciência possível nas estruturas significativas do universo literário machadiano. Ambos, com todas as suas possibilidades e limites, estavam reiterando o permanente debate político sobre os significados da obra de imaginação literária como fato cultural para o destino do conjunto da sociedade. Resgatar esse debate em 2019, junto aos 180 anos de nascimento de Machado de Assis, é perceber e reiterar o quanto é central para a cultura brasileira o legado da obra machadiana.

⁴⁸ Ibid., p. 145.

⁴⁹ Ibid., p. 145. Fica uma indagação: como Machado de Assis poderia conhecer, citar e ser um marxista, como lhe pedia Octávio Brandão, se, por exemplo, o *Manifesto do Partido Comunista* só foi traduzido no Brasil em 1924, pelo próprio Brandão?

⁴⁵ Brandão, Octávio, “Literatura sem ideologia”, op. cit., p. 83.

⁴⁶ Pereira, *Machado de Assis*, op. cit., 2008, p. 137.

⁴⁷ Ibid., p. 132.